

**“Espaços e Memórias – IV Jornadas CEPAE”**

**Prefácio**



“Espaços e Memórias” - tema de fundo das IV Jornadas do CEPAE realizadas entre 17 de Março e 6 de Maio de 2001 serve de portal à publicação que agora vai sair.

Memórias que se manterão de Espaços que o CEPAE tem vindo, desde há dez anos, a considerar como seu objecto de trabalho e que, com muitos outros constituem a riqueza patrimonial desta região estremenha.

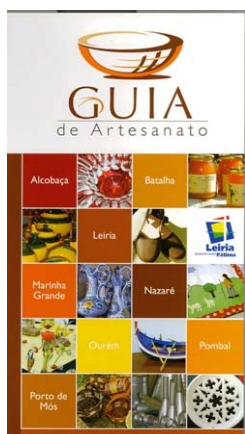
A actual direcção, dinâmica e laboriosa, dando continuidade aos projectos da instituição, vai publicar os textos que ilustram aqueles dias e que nos dão a satisfação de saber que as sementes que se lançam na terra, também um dia darão colheita.

Nestas simples palavras, quero, em nome da equipa que organizou as IV Jornadas, manifestar o reconhecimento aos actuais corpos dirigentes pelo esforço e dedicação aos objectivos do CEPAE, que também esta realização materializa como testemunho de uma prática de dedicação à cultura e à preservação da nossa memória e dos espaços que lhe dão corpo. Bem hajam.”

*Ex-Presidente da Direcção do CEPAE – 2001  
António Figueiredo*

**“Guia de Artesanato”**

**Prefácio**



“A Região de Turismo Leiria / Fátima propôs ao Centro do Património da Estremadura (CEPAE) a realização de um trabalho que reunisse as artes e ofícios mais emblemáticos da região. No âmbito deste projecto, o CEPAE convidou a Escola Profissional de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha (EPAOTB), sua associada, a participar. É neste contexto que apresentamos o Guia de Artesanato da Região de Turismo Leiria / Fátima.

Foi-nos proposta a realização de uma breve descrição do artesanato representativo da região, salientando, quando possível, algumas das técnicas e materiais utilizados. De imediato, afigurou-se-nos uma questão que se prendia com a própria definição de artesão e artesanato, mais complexa do que à primeira vista se poderia pensar. Com efeito, a actividade artesanal caracteriza-se pela transformação de matérias-primas, onde o seu autor, através de um saber-fazer tradicional, é o responsável por todas as fases da

produção. Daí que, ao falarmos de artesanato estejamos perante um tipo de produção em pequena escala. De acordo com o Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 41/2001, de 9 de Fevereiro, e, posteriormente, alterado, conferindo-lhe maior eficácia, pelo Decreto-Lei n.º 110/2002, de 16 de Abril, Artesão é o trabalhador que exerce uma actividade artesanal, por conta própria ou por conta de outrem, inserido em unidade produtiva artesanal reconhecida, ao qual se exige: o domínio dos saberes e técnicas inerentes à actividade em causa; e um apurado sentido estético e perícia manual. Foi sob esta definição que desenvolvemos o presente estudo.

Não se tratando de um trabalho de carácter científico, não quisemos, no entanto, fugir ao rigor necessário em qualquer produção que se preze. Assim, depois de nos ter sido fornecido, pelas diferentes autarquias, a listagem dos ofícios presentes nos seus limites, lançamos mãos à obra no sentido de dar voz ao desafio que nos foi lançado. O trabalho, realizado pela EPAOTB em colaboração com três técnicas de Património Cultural, formadas naquela instituição, pretende identificar os ofícios tradicionais mais emblemáticos dos concelhos que compõem a nossa Região de Turismo. O primeiro passo consistiu na pesquisa bibliográfica necessária, que fornecesse aos envolvidos a capacidade de se documentarem sobre o tema em questão. Em seguida, e porque não podemos falar de artesanato sem falarmos de artesão, tornou-se vital contactar alguns dos que vicem e respiram as diferentes artes aqui contempladas. Fomos assim ao encontro de homens e mulheres que de acordo com os contactos fornecidos, fazem do artesanato um meio de subsistência. Dada a variedade de nomes, vimo-nos obrigados a limitar, em alguns casos, as nossas deslocações sem, no entanto, deixar de incluir o contributo pessoal dos artesãos contactados.

O Guia de Artesanato encontra-se dividido em duas partes. Num primeiro momento são evocados os ofícios presentes dos diferentes concelhos que compõem a Região de Turismo Leiria/Fátima, salientando algumas das ferramentas e materiais utilizados. A segunda parte deste trabalho agrupa as artes e ofícios descritos nos concelhos onde os mesmos se manifestam. Deste modo, o visitante poderá perceber os ofícios característicos de determinada localidade e que, ainda hoje, podem ser observados.

A terminologia adoptada obedece à que é oficialmente designada pelas instituições competentes e já mencionadas, salientando-se que, em alguns casos, optámos pelo agrupar de ofícios, solução que nos pareceu mais apropriada à medida que realizávamos o trabalho de campo.

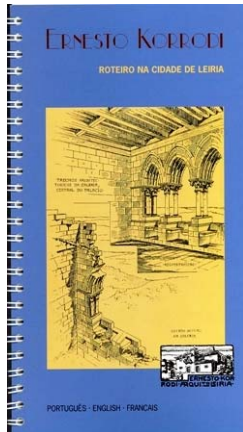
A evolução e modernização das sociedades, conduziu ao aparecimento de novas práticas que, muitas vezes associadas aos meios urbanos, marcam a sua presença entre nós. É o caso da Arte de Trabalhar Flores Secas, da Joalheria e da Bijuteria. Noutras situações, a deslocação das pessoas trouxe, como consequência, a deslocação de usos e costumes das suas terras de origem para a cidade. Esta situação permite-nos compreender a presença, na nossa região, de ofícios cujas origens radicam em locais distantes, como é o caso da Arte de Trabalhar o Estanho.

Resta-nos agradecer a todos os artesãos que, com a sua disponibilidade, permitiram enriquecer este trabalho.”

CEPAE- Centro do Património da Estremadura  
EPAOTB – Escola Profissional de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha

## **Ernesto Korrodi – Roteiro na Cidade de Leiria**

### **Biografia introdutória**



“Ernesto Korrodi nasceu em Zurique, em 1870, e o seu apelido deriva do nome “Konrad”.

Concluiu muito novo o ensino primário e secundário e ingressou na Escola de Arte Industrial onde obteve o diploma no final de 1888, interessando-se, desde logo, pela Arqueologia.

Concorreu a um cargo para professor de Desenho, anunciado no consulado de Portugal em Berna, e em 1889 foi colocado na Escola Industrial de Braga onde permaneceu cinco anos.

Em Braga, para além do ensino, dedicou-se ao estudo de monumentos, igrejas, e palácios, sendo transferido, em 1894, para a Escola Industrial de Leiria onde, de imediato, se dedicou nas suas horas vagas, ao minucioso levantamento do que restava das ruínas do Castelo.

Em 1898, publica os Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria, edição de 200 exemplares, subsidiada pelo Governo Português e impressa no Instituto Poligráfico de Zurique. Ainda nesse ano é homenageado com a Comenda do Mérito Industrial.

Em 1901, casa em Leiria com Quitéria Maia, professora do ensino primário, e vêm a ter 2 filhos.

Em 1902, é agraciado com a Ordem de S. Thiago do Mérito Científico, Literário, e Artístico pelo projecto de reconstituição dos Paços do Duque de Bragança, em Barcelos.

O seu empenho em defesa do Castelo de Leiria conduziu à sua classificação como Monumento Nacional em 1910 e em 1915, cria a Liga dos Amigos do Castelo que, com a ajuda do Estado, deu início às primeiras obras de consolidação. Os trabalhos continuaram sob a sua orientação até 1933, passando depois para a responsabilidade da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Em 1905, foi nomeado director da Escola Industrial de Leiria.

Para além do ensino e do estudo de monumentos históricos, desde cedo se dedicou à arquitectura, como autodidacta, e em 1899 já era

sócio da Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos, bem como da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses.

Os seus projectos de arquitectura estendem-se por todo o país, desde Chaves até Vila Real de Santo António, e em Lisboa foi agraciado com dois *Prémios Valmor*, em 1910 e em 1917.

Criou em Leiria uma pequena escola de cantaria artística, a expensas suas, e esta viria a transformar-se numa grande oficina de verdadeiros artistas cujo trabalho, na sua maior parte, era passado à pedra sob modelação sua. Esses trabalhos de cantaria enriqueceram não só as obras por si projectadas, como as de outros arquitectos por todo o país.

Em 1926, foi-lhe concedido pelo Governo Português, o título de Arquitecto.

Desde cedo se envolveu em diversos movimentos de modernização, chegando a realizar trabalhos e conferências por todo o país sobre o Ensino em Portugal, pelo que foi agraciado, em 1909, com a Comenda da Instrução Pública.

Em 1911, viria a liderar um movimento de âmbito nacional a favor do descanso dominical, promovendo-o energicamente através de conferências e artigos na imprensa.

Ernesto Korrodi faleceu em Leiria, em 1944, sendo sepultado voltado para o Castelo, como era seu desejo.

Em 1970, no centenário do seu nascimento, foi eleito a título póstumo, cidadão honorário do Concelho pela Câmara Municipal de Leiria e foi-lhe descerrado um monumento no sopé do castelo, na avenida com o seu nome.

Em 1997, foi publicada em livro a Tese de Mestrado *Ernesto Korrodi - Arquitectura, Ensino e Restauro do Património*, de Lucília Verdelho da Costa, contribuindo de uma forma decisiva para dar a conhecer a dimensão da sua obra.

Em 2000, a Câmara Municipal de Braga atribuiu o seu nome a uma rua e apresentou a sua biografia no guia *Braga Cultural*.

Em 2003, foi criado em Leiria o *Prémio Korrodi* destinado a dinamizar a preservação e reabilitação de imóveis degradados e contribuindo, ao mesmo tempo, para homenagear a sua obra."

*ADLEI - Associação para o Desenvolvimento de Leiria*  
*CEPAE - Centro do Património da Estremadura*  
*Delegação Distrital de Leiria da Ordem dos Arquitectos*

## “A Região de Leiria – Património, identidade e história”

### Introdução



“Leiria é uma cidade identificada de há muito. Nos tempos medievais, os escribas começaram por escrever o seu nome na forma latina *Leirena* ou *Leyrena*. Mais tarde, a emergência da língua vernacular mostra-nos as formas *Leireã*, *Leyreã* ou *Leirea* para, no crepúsculo medieval, se cristalizar em Leiria. Autores renascentistas, como André de Resende, Gaspar de Barros e D. Amador Arraes, atentos aos vestígios arqueológicos romanos conhecidos na região, fazem remontar as origens da cidade aos séculos imperiais, socorrendo-se mesmo do nome

*Laberia* incrustado em epígrafe achada nas imediações da urbe, para encontrarem a origem do topónimo. Amador Arraes, bispo de Portalegre, escreveu nos seus Diálogos (4, capº 5), que “ouve Colippo, junto de Leyria a S. Sebastião, aonde morreo Laberia Galla, Flaminia, isto he, Sacerdotiza de Lusitânia.”. Aqui se sintetiza, em regra, o saber renascentista acerca das origens leirienses.”

*Saul António Gomes*

**Para mais informações e encomendas contactar:  
cepae@sapo.pt; Tel./Fax: 244 766 199**